

José Arthur Boiteiro

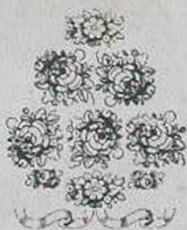
1883

FLORES SEM PERFUME

POESIAS

DE

JUVENCIO MARTINS DA COSTA



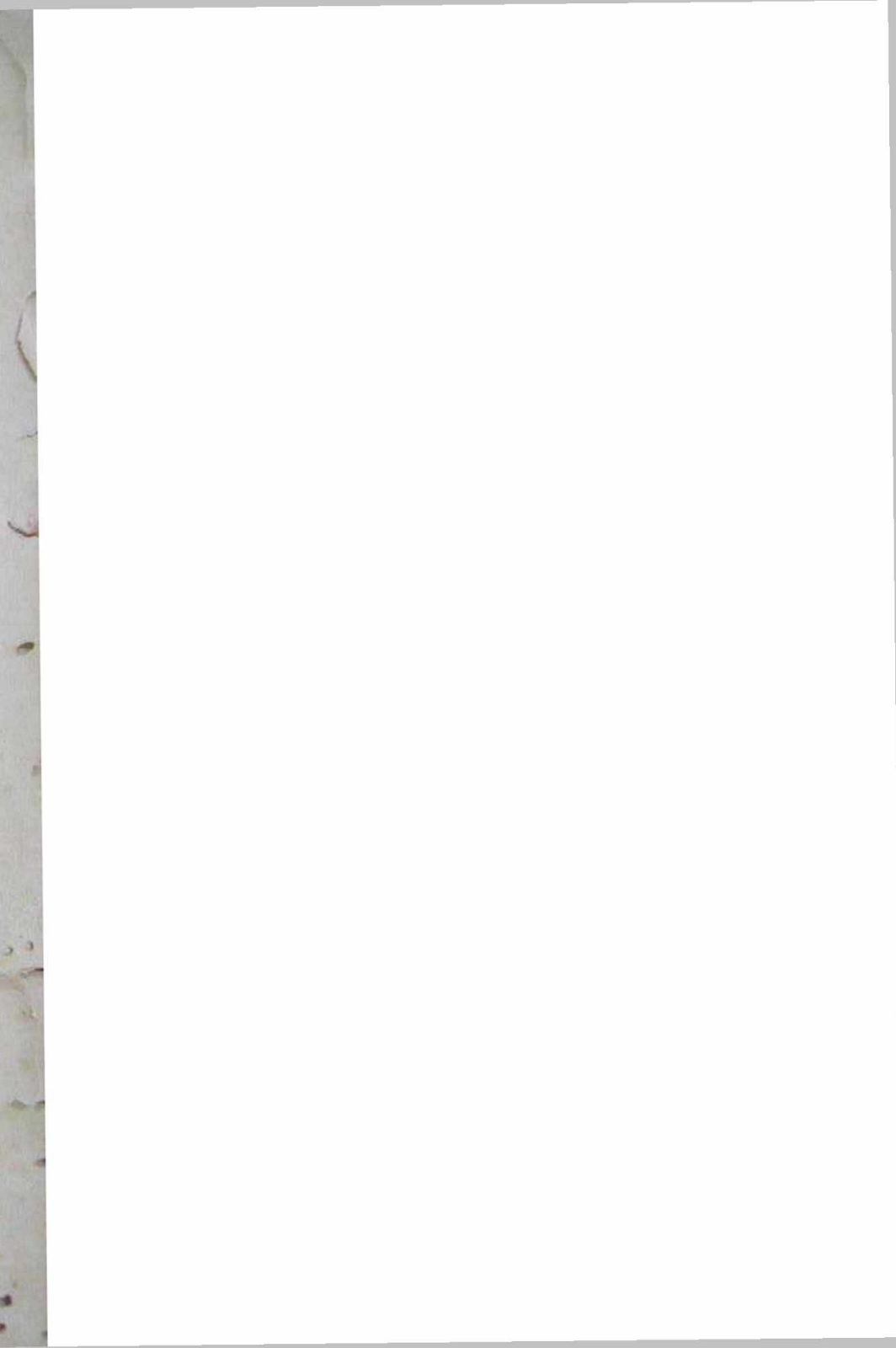
EDITORIA

A REDACÇÃO DO CAIXEIRO

Typographia e Escriptorio---Rua do Principe

Desterro

1883







DUAS PALAVRAS

SOBRE AS -FLORES SEM PERFUME- DE JUVENCIO
MARTINS DA COSTA

Bem ardua é a tarefa que me impoz a amizade, —fazer um juizo critico das obras poeticas do sempre chorado Juvencio; mas, como ella é imposta pela amizade, suave e doce me parecerá, de certo: neste presupposto, entro em materia.



O titulo modesto —Flores sem perfume—só de per si basta para caracterizar o joven poeta, que eu comparo com Abreu e Azevedo em talento poetico, assim como aquelle mesmo se comparou com estes no sentimento e no fogo.

Ouçamo-lo:—

Eu sou o teu cantor—tu és a lyra.

Eu sou o teu Romeu apaixonado,

Teu servo,—teu vassallo!

Sinto a dôr como Abreu....gemo tristuras...

Como Azevedo tenho febre e fogo....

Meus ais abafô e calo!

E' verdade!

E como Abreu, e como Azevedo, tam cedo sumiu-se nos abysmos da escura eternidade!...



Abramos, outra vez, ao acaso, o mimoso livro, e convencer-nos-hemos de que Juvencio é o poeta do coração, o vate do sentimento e da dôr!...

Amor é lava que se atêa em chamma;
 Eu o quero no peito incendiando
 Fibras do coração...
 Poetas que me ouvis, não deis apreço...
 Eu sou um louco, sinto dôr no peito,
 Na minh'alma—paixão!

Os tres ultimos versos da estrophe supra lembram Laurindo Rabello, que ainda me fazem mais lembrado os seguintes versos com que agora deparo:—

Poeta não sou eu, não tenho lyra;
 Choro a dôr, o pezar, o soffrimento...
 Minh'alma tem accordes de poeta...
 Amargurado pranto!

E disseste a verdade meu chorado Juvencio!

Nos teus versos transparece a poesia d'alma; nelles não desliza a linguagem balofa do prazer, que, na phrase do sempre chorado Laurindo, não vale um «suspiro, um soluço, um ai, um pranto!..»

* *

Continuemos a folhear este mimoso livro, e mais uma vez o leitor dirá commigo ser Juvencio o poeta do coração.

Vejamol-o:—

— Na alvorada da vida o soffrimento
 Me punge o coração enternecido,
 E concentro no peito esvaecido
 Os suspiros e ais do sentimento!

* *

Abro, ao acaso, o mimoso livro, em outro logar, e deparo com o seguinte:—

Eu vegeto... não vivo—sou proscripto,
 Que vago errante,— meu prazer é dôr...
 Ai! creanças não possuo —odeio a vida,
 Maldigo os sonhos do fanado amor!

* *

Agora leia commigo o leitor o seguinte, que nos mostra o acaso:—

Sonhou minhi'alma a vida do futuro,
A fugace illusão do pensamento!
Hoje envolta nas fimbrias do passado
Carpe chorosa a dôr do esquecimento!

* *

Sinto que o meu afanoso lidar não me permitta proseguir em minucioso analyse; mas tenho a certeza de que o leitor benevolô percorrerá com olhares avidos as paginas mimosas em que o chorado bardo desterrense vertêra o seu coração, e ha de convencer-se, como eu, de que Juvencio Martins da Costa é o poeta do sentimento e da lôr!

• E assim devia ser!..

O estylo é o homem, diz Buffon: e nas —Flores sem perfume— entrevê-se a alma de Juvencio!..

Desde os verdes annos, o atormentava atroz enfermidade, como o asseverára o distincto facultativo que sempre o acompanhou até a borda do tumulo, já com o remedio da sciencia, já com o balsamo confortante da verdadeira amizade!..

Olhar para Juvencio era encarar a pena personalizada!..

Pois bem!..

Folheai as —Flores sem perfume—: e que vedes ahí? O que já vos mostrei; o que acabareis de verificar com a leitura total d'esse minioso livro.

* *

Os versos de Juvencio são, é verdade, flores sem perfume, como elle mesmo os baptizára; mas são flores cheias d'encanto, como as semprevivas e perpetuas; não teem da rosa o perfume nem os espinhos, mas teem da sempreviva a pallidez e da perpetua o roxo sentimento!

Mas a pallidez encantadora como a da lua; mas o roxo que se lóbrega, assim no incerto arrebol, como no duvidoso crepusculo da tarde!

A versificação é suave e natural, sem o menor esforço; mas natural sem roçar o prosaismo.

Guardando o devido meio termo, os versos de Juvencio não são arregimentados como os de Bocage, nem desalinados como os de Filinto; deslizam fluentemente quaes fontes crystallinas e sonoras que gemem e se queixam por entre os asperos seixinhos, sombreados por opaco arvoredo.

Seus versos não possuem o geometrico parallelo dos trilhos dos caminhos de ferro, nem os rumores da locomotiva e dos rapidos wagons; mas tem o fogo do sentimento e o fumo que semelha a nuvem atravez da qual co-a a luz moribunda o sol do occaso!

Eis ahí, amigos editores, o que vos posso dar.

Que mais vos daria eu?

Não vos dou um juizo critico.

Como poderia eu dar-vos um juizo, quando é certo que a dôr tem-me tollido o juizo?!

Desterro, 24 de Maio de 1883.

Wenceslau
B. Bueno





DUAS PALAVRAS

A não existe o auctor das — «Flores sem perfume», cubriente «bouquet» que ora apparece, no meio do escasseamento de trabalhos litterarios que se publicam na bella Exilopolis!

Antes quizeramos que fosse o proprio auctor, que tão bem soube colher essas rosas e cravos, essas «fuselias» e magnolias, de suavissima fragancia, no vasto jardim de Erato; quem viesse agora offerecel-as, com as delicadas maneiras que o distinguiam, ao seu santo leitor, para cuja competencia appellamos.

E tinha o leitor tudo a ganhar, pois que em vez d'estas despretenciosas e singeiras phrases, teria à vista scintillações brilhantes de um talento vigorosamente masculino.

Entremos, em assumpto, pedindo ao leitor sua boudade para estas palavras que traduzem na sua simplicidade apenas uma sincera homenagem á memoria do distincto lidador, que abatido pela morte na luminosa arena, em que empenhou luctas gigantes, deixou cair a penna — espada de luz! — para atirar-se nos braços da gloria, cercada da mais elevada admiração, que lhe tributam todos os seus patricios e amigos!

Dignando-se tratar da parte mais importante de que se compõem as «Flores sem perfume» —, o illustrado professor Wenceslau Bueno de Gouvea, distinctissimo cultor das letras, tambem; vamos simplesmente tratar da personalidade de Juvencio Martins da Costa, em rapidas considerações, que julgamos convenientes para o bom entendimento do leitor, que talvez não tivesse a fortuna de conhecê-lo.

No meio da indifferença que vae, n'estes tempos de filauca e hypocrisia que correm, avassallando os catharinenses; Juvencio Costa era dos poucos que não se deixam abater, alimentando mesmo

«deserente no viver, á dôr entregue»

o entusiasmo, santo e nobre, que se aninha nos corações bem formados e essencialmente patriotas.

Interessava-lhe immenso o futuro do seu torrão natal, — berço de heróis, de estadistas, de gigantes das letras.

Fallamos com inteira e plena convicção, e com a imparcialidade digna de quem escreve para o publico.

Passemos de longe pela indagação do modo porque occupou os cargos publicos e desempenhou digna e honrosamente as commissões que lhe foram confiadas.

Não julgue quem nos lêr que temamos deparar com alguma falta que desdoire o illustre character do distincto catharinense.

Não! — tanto que dissêmos — digna e honrosamente —.

Si tal acontecesse, analysariamos, revestido da auctoridade que a illustrada associação editora deste livro nos conferio — os erros que tivesse commettido, — fallando nós a verdade franca e nua.

O motivo é bem outro. Eil-o:

*/ Não nos foi possível alcançar d'algum, referente ao tempo que occupou os cargos de Deputado Provincial e 2.^o Escriptuario d'Alfandega.

Só com precisão podemos citar um: o da legislatura provincial de 1880, como deputado.

Nunca ouvi por prohibir-lh'o a terrivel enfermidade que fazia-o

..... «velho no tormento»

Em compensação seu nome ligou-se a todos os projectos que tendiam para o melhoramento moral e material da Provincia.

Desde então, com mais calor, dedicou-se ao cultivo das letras, que si não fossem os herculeos esforços de um punhado de jovens entusiastas, — bravos campeadores da luz! — já teriam de todo cedido na bella Exiliopolis, o logar que occupa (e isto sem contestação) á politica, — á essa avara que quanto mais talentos rouba e aniquila, mais se esforça em continuar sua obra de devastação intellectual.

• • Julho de 1883.

José Arthur
B. B.

EIS O MEU LIVRO

Flores sem perfume é o seu título.

Não o escrevi para o publico: é filho de minha alma que se expande nas emoções do sentimento.

N'elle se encerrão os effluvíos de um coração ardentemente apaixonado, que palpita febricitante, sonhando descortinar, através de um prisma que deslumbra o espirito, a esperança a irradiar a existencia do peregrino ser, ha tantos annos em acerbá luta com o soffrimento que punge, que doe a alma, resignada pela fé, a cuja sombra se abrigão o martyr e o religioso.

Não ha poesia, eu o sei: elle se compõe de versos frouxos, sem nexo mesmo, mas são inspirados pela sensibilidade de uma dôr, que é constante á martyrisar o infeliz autor deste livro, que apenas tem por merito a revelação de um segredo em que se envolvia um amor misterioso e a historia de um passado de venturas, a cruciar minha alma.

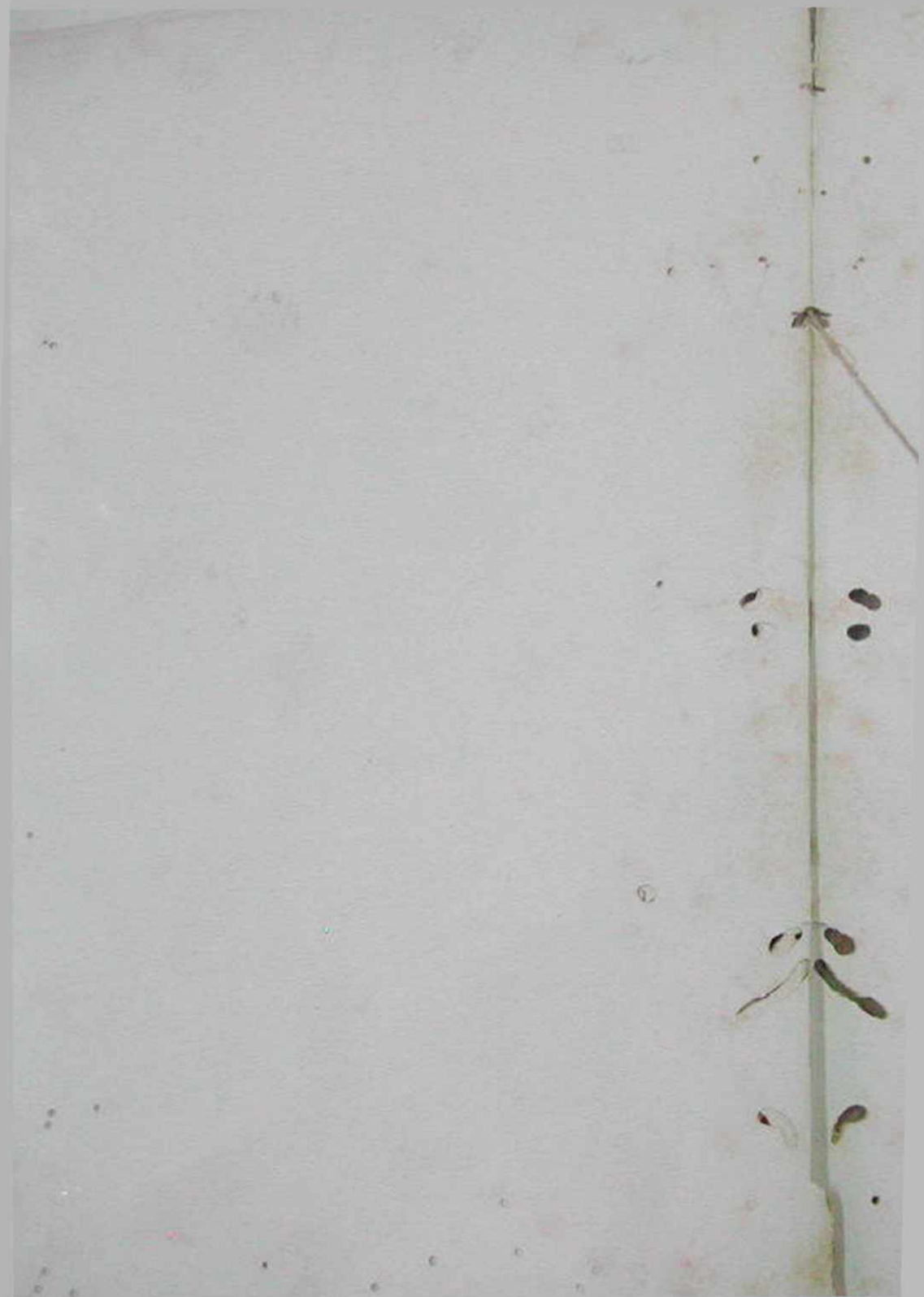
Sem protecção, despidido dos atavios da magnificencia poetica, o meu pobre livro jamais apparecerá á luz da publicidade: pois si o fizesse, nutro a certeza de que elle teria sorte igual a do navio que em proceloso mar sossobra por ter perdido o leme.

O naufragio seria inevitavel.

Si, porém, uma mão benefica quizer levantá-lo do pó em que jaz, ha annos, guiando-lhe os passos na difficil e escabrosa estrada da litteratura, então elle poderá correr o mundo, onde se rendem sinceros cultos ao positivismo e calca-se aos pés a aristocracia do genio, a par da desmoralisação dos costumes que tem avassallado o espirito da humanidade.

Desterro, 19 de Janeiro de 1876

J. M. DA COSTA



MEUS VINTE E UM ANNOS

Eu vegeto... não vivo—sou proscripto,
Que vago errante, meu prazer é dôr...
Ai ! crenças não possuo—odeio a vida,
Maldigo os sonhos do fanado amor !

Peregrino cantor, mesquinho vate,
Não me embala a esperança um só momento...
Passo as noites sonhando o meu futuro
A minh'alma á lutar com o sofrimento !

Descrente no viver, á dôr succumbe
O coração que geme agonisante...
Nem ao menos a luz da meiga crença
Anima a vida do cantor amante !

Abutre roedor—negra saudade
Me recorda o viver d'almo passado,
Em que a doce illusão dos bellos sonhos
Deu vida ao meu amor sem ser frustado !

Moço nos annos, velho no tormento
Eu suffóco no peito dôr intensa !
Sou cravo sem perfume, luz sem brilho,
Um sol que se apagou, perdida crença !

E amo a virgem que embalou-me em sonhos
A vida malfadada e tranzitoria....
Cantei ao som da lyra os seus encantos,
Queimei incensos no altar da Glória.

E hoje quem sou eu ? murmura a brisa
Que bafeja minh'alma enlouquecida:
Um proscripto de amor, que vaga errante,
Abandonada flôr sem viço e vida !

Meu amor é segredo e sou poeta,
Poeta no sentir, no sofrimento...
Ninguém no mundo saberá do vate
O fogo que lhe queima o pensamento.

Mais uma flôr que colho sem perfume,
Mais um anno que conto sem prazer...
E creanças não possuem—odeio a sorte,
Maldigo as horas do cruel viver !

SONETO

Na dôr do coração a morte leio.
(Azevedo)

Na alvorada da vida — o sofrimento
Me punge o coração enternecido.
E concentro no peito esvaecido
Os suspiros e ais do sentimento!

Bem como a flôr votada a esquecimento
Assim é meu amor constante e fido...
Ninguém perscruta meu penar sentido.
A seisma que me afflue ao pensamento!

Fenece a crença, me maltrata a vida
De um presente cruel, e a sorte odeio.
Detesto os sonhos da illusão perdida!

E a esperança, que é luz — d'ella descreio!
Maldigo o meu porvir, e odiando a vida
— Na dôr do coração a morte leio.

UM SORRISO

Eu vi, pendente, á fiôr de uns labios rubros
Um sorriso mimoso, feiticeiro,
Louquinho a traduzir magico enlevo,
Qual rosa a trescalar fragrante cheiro!

Um sorriso de amor que queima ardente
Fibras de um coração apaixonado;
Raio de luz que encanta e dá venturas
A quem sabe soffrer resignado.

Um sorriso que alenta, dando esp'rança
À quem de todo tem perdido a crença,
Meigo carinho á deslizar sereno
Dissipando do vate atra descrença!

Ail nunca vi sorriso tão galante,
Tenfador provocando almos anhellos...
É meiguice, meu Deus, entre perfumes,
Que faz minh'alma estremecer de zêlos.

A mui esse sorriso, amo deveras
A mulher que o exprimio, na terra é luz!
Iman que attrahe o peregrino vate,
Que prende a alma e o coração seduz

Captivo o coração por tal sorriso,
Vivo de sonhos, crendo no futuro,
Vendo entre sonhos de fulgor celeste
A divina mulher, o anjo puro

Eu vi, peudente, á flôr de uns labios rubros
Um sorriso mimoso feiticeiro
Louquinho a traduzir magico enlevo,
Qual rosa a trescalar fragrante cheirol



SONETO

Morena, entre as morenas, mais formosa,
 Aceita do teu bardo as murchas flores,
 Colhidas de um passado nos amores
 Do jardim de su'alma lacrimosa.

Une-as ao peito teu, e amorosa
 Aquece nos teus lábios os pallôres,
 Que lhes tirão a vida, e os dissabôres
 Se tornarão magia venturosa.

Um beijo, um beijo teu com sentimento
 Revela muito amor, — sincero e puro,
 Para quem já conhece o soffrimento

Si assim, Mimi, fizeres, seu futuro
 Será quieto allivio ao seu tormento,
 E viverá na terra mais seguro.

SONHO

Por entre as orlas das cortinas alvas
 De um leito virginal, leito castino,
 Eu vejo um corpo de mulher formosa,
 Descuidada a dormir, sonhando amores.

Frouxo roupão de seda transparente
 Cobre-lhe as formas do contorno lindo!
 Que desordem fluctua-lhe o cabelo
 Nas espaldas gentis, de côr n. vada.

Pendente a fronte em molle travesseiro
 Cerrado o labio, as palpebras cerradas,
 No leito a transpirar doce perfume
 Dorme o anjo de amor, anjo innocentel

Branda aragem de tepido favonjo
 A brincar-lhe no collo alabastrino
 Perfuma o sonho seu de mago enlevo,
 Que poesia traduz, ventura exprime!

Tremem-lhe os seios, tremem-lhe offegantes
 Ao lento palpitar do peito insoute;
 Roção-lhe a fronte vespertinas auras,
 Imprimindo-lhe beijos perfumosos.

A minha amante dorme sonha e vive
Nas doces illusões de encantozdivo,
E vê por entre prismas de esperança
O futuro sorrir-lhe magestoso,

Ella dorme: deixemol-a tranquilla
O seu sonho fruir suavemente...
Comprime, coração, teus ais que acordam
O meigo dormir de minha amante.

Abramos as cortinas do seu leito
A rescender perfumes e ambrosias
Contemplemos de perto a formosura,
Que nos élos de amor me prende a vida.

Entremos, lá, respira amor e vida,
Alentados por brisas sussurrantes...
Eu quero respirar, sorver perfumes,
Que exhalão seios da mulher formosa.

Mas não! que durma e sonhe a virgem bella
Seu sonho a traduzir pura innocencia!
Não n'a acordemos, não, febril desejo,
Que se abraça em minh'alma, delyrante.

Deixemo-la dormir, sonhar venturas,
Embalada na rede dos amôres...
Seja-lhe a vida sempre no presente
Poema de esperança, crença e gozo.

Ai! quem pôde, meu Deus, ser insensível
A' presença de um anjo feitiçeiro,
Que não sinta seu peito arder em chamas,
N'alma atear-se do amor o fogo?

Entremos pé, por pé no casto leito,
Onde dormita divinal deidade:
Nas roseas faces lhe imprimamos beijos,
Trescalados de febre e de vertigem.

De meu beijo ao estalar, se acorda a virgem,
Em sobresalto lhe extremece o peito—
Abre os olhos á luz da tarde amena,
De mim tem medo, se envergonha ao ver-me!

Emtanto acordo, os olhos meus descubro,
Não vejo a virgem, a rara formosura!
E sonho é sempre a vida que se passa
Neste mundo de enganos e martyrios!

À ERNESTO JOSÉ BARBALHO

AO DIA DO SEU CONSORCIO

Nas galas do prazer-raiou serena
Aurora festival de vida e flores,
Em que dous corações, ambos amantes
Venturas sonhão á suspirar de amôres.

Nos cêos da união, em meigo amplexo
Duas almas se extreitão, amando a vida,
A respirar das auras o perfume
Que fascina o existir da quadra q'rida.

No presente ha os prismas da esperança
Que julgarão nos cêos da phantazia;
Tudo é riso nos sonhos, que seduzem,
E o passado de amor tem poesia.

Volve o tempo, o encantamento é morto,
E a amizade triumphã esplendorôsa!
E outros são os gosos que delectam
Dos consortes a vida primorosa.

Prime sempre a virtude em vossa vida
Reine a paz e o socego e a f'licidade:
É o voto singello de minh'alma,
É a prova sincera d'amizade.

EM RESPOSTA

À poesia que me foi offerecida pelo meu amigo Cândido
Melchiades de Souza

Mais um irmão da dôr que se revela,
Narrando ao pobre bardo o seu passado!
Eu te escuto e me animo às vozes tuas.
Filho das musas vate sublimado!

E' bello o meu viver—tu'alma exprime!
Porque o presente é cantico de amôres;
Que, â tragos, sorvo o mel da mocidade;
Que libo o nectar de odorosas flôres!

Feliz o vate a caminhar sem norte
Em busca da esperança e da ventura!
Mentio-te o coração, errou tu'alma,
Não creias: eu sou a desventura!

Eu sou a desventura que prosegue
Na senda do amôr acre, pungente!
Men dourado sonhar evaporou-se
Ante o queixume do soffrer presente!

Attende, escuta da existencia as magoas
Que atro; hão minh'alma incandescente!
Sim! escuta do irmão que vai narrar-te
Uma folha de amor, negra, plangente.

Sonhou minh'alma a vida do futuro,
A fugace illusão do pensamento!
Hoje envolta nas fimbrias do passado
Carpe chorosa a dôr do esquecimento!

Palpita o coração do sentimento
Ante o queixume de pungente dôr..
E o peito exhala lugubres suspiros,
Maldigo a sorte do primeiro amor!

Amor — termo sem écho, nuvem negra
Que enubla os céos da meiga poesia...
A vertigem de um sonho momentaneo,
Reflexo da luz de um morno dia!

Amei! desfri nas cordas do alaúde
A ventura de um sonho esperançoso,
E cantei a mulher, carne sem alma.
Attractivo do mundo mentiroso!

Votei meus cantos inspirados d'alma
À morena mulher dos meus amôres!
E a vida era um mar de goso e rosas,
O passado um bouquet de lindas flores!

Maria era seu nome, casto lyrio,
Soberana de um peito escravizado...
Divisei no seu todo o meu futuro,
Que, entre sombras de luz, vi retratado!

Ah! quantas vezes murmurou meu labio,
Phrases de amor, ungidas d'esperança!
E a ingrata repetia o juramento:
É puro o meu amor, tem fé—descança!

Trahio seu coração—mentio su'alma,
Cuspio na fronte do infeliz amante!...
E um sorriso lhe assomou aos labios,
Zombando d'este amor, firme, constante!

Pobre do bardo que a illusão mentio-lhe,
Que vive no passado, esperançoso!
Tinha fé, muita fé, nos sonhos meigos
De fruir um presente venturoso!

E os sonhos meigos se esvaíram breve
No despertar febril da mocidade!
Succedeo a ventura ao pranto amargo,
Que banha os olhos meus sem piedade!

Palpita o coração...minh'alma aneia..
Choro o passado que me deo ventura!
O presente é de dôr: lethal descrença
Me definha o viver d'acre amargura!

Maldigo as illusões que se finaram
Pela intensa friez da ingratidão!
E a lyra mutilada vibra threnos,
Accordes de um gemer d'atra paixão!

Eu amei...tibia luz da meiga crença
Reflectio no meuestro palpitante!
E hoje...o peito de soffrer exausto
Lamenta a ingratidão de falsa amante!

Nos embates da negra indiferença
Sinto a vida finir-se lentamente...
Do meu insorte amor—dourados sonhos
Fria descrença me varreu da mente!



Constante na aflição meu peito fraco
Triste suspiro exála brandamente...
Eu sou a desventura, errante vago,
Em busca de um amor, puro, innocente!

Percorro em balde a senda dos amores,
Si a esperança morreo, durou um dia!
Tanto embate na vida e soffro e choro,
Ai! gemo a cruel dôr da tyrannia!

Agora que te expuz meu soffrimento,
Julgas o meu viver jardim florido?
Não o creias, amigo — eu sou o vate
Sem norte e crença a divagar perdido!



SONHO

Tranquillo o coração adormecera
Na doce languidez de um beijo ardente...
Entre sonhos de flôr beijára a crença
A perfumar minh'alma incandescente.

E amei a vida, respirei das auras
O tepido freseôr, banhando a fronte
Da formosa mulher, por quem meu peito
Extremace de amor, tão puro, insonte.

E amei o sonho desfolhando risos,
Almo prenuncio d'almo encantamento;
E minh'alma paze o immersa em gozo,
N'uma luta febril com o pensamento.

E á sonhar vi a imagem predilecta
Por entre sombras de uma luz fulgente:
Nús os seios tremendo de volupia,
E no labio a brincar beijo innocente.

E a voz tremente balbucia um termo,
Repassado de aromas e ambrosias,
Termo tão doce como sons de harpa
Desprendendo ignotas hamonias.

Esse termo exprimira a magestade
De um profundo sentir, d'alma arrancado:
Amor em cujos êlos se enlaçara
O coração do vate apaixonado.

Termo tão doce a revelar carinhos,
Desprendido de lábios seductores;
Termo a deslumbrar meu lindo sonho,
Ventura á reviver n'um céu de amores!

Ouvi a phrase rebentar dos lábios:
Eu sou o teu amor, amo-te tanto!
Não sei o que senti: em doce arroubo
Contemplei a mulher, celeste encanto!

Era um anjo: sobre a nivea espadua
Vi roçar seu cabello brandamente...
Nos seus olhos o brilho que scintilla
Fogo de amor que queima e não se sente!

Ai! cedo se turvou a crença d'alma,
Breve se transformou o encantamento...
Acordei-me do sonho e não vi nada.
E sinto arder em febre o pensamento!

RECUERDO

A' ALFREDO COSTA

Em brilhante coxim d'ouro franjado,
Pendente a fronte em molle travesseiro,
Um typo de mulher—anho fagueiro—
Dormitava sereno, socegado.

De quando em vez no labio nacarado
Brincava á flux um riso feiticeiro,
E entre as sombras de um sonhar faceiro
Pensava ver o bem idolatrado...

Mas, fugace illusão! tremente, esquivia
Ella acorda em soluços, delyrante,
Vergada ao peso de uma dôr, captiva...

Procura em balde o desditoso amante
Que á mente despertou lembrança viva
Do passado de amôr, perdido, errante!

PAGINA NEGRA

I

Ha uma pagina negra na primavera de minha vida: é a dor de um sentimento, que me opprime o coração e escandece minha alma, e essa dor é o meu amor, ora sombrio e calmo como as scismas pensadoras do philosopho, ora febricitante como o poeta em noutes de insomnias e vigílias.

No sonhar vertiginoso eu vejo o perfil da morena amante, seus olhos scintillam chispas de luz de fulgurante fogo—treme-lhe o corpo e a sua sombra fulge: é

uma mulher divina, é a Venus formada das espumas do mar

Nos deliquios da febre, na convulsão extrema de extremo abafar de languidos suspiros, nas agonias do sentir profundo, minh'alma adormece entre sonhos de flôr, nutre-se de phantasias, alimenta-se de illusões, e a realidade se occulta no véo cerrado de trevoso negume.

E que ella me nega o philtro dos seus sorrisos de ventura; e que esses sorrisos se transformam, para mim, em agudos espinhos.

E a minh'alma sonha sempre, e os seus sonhos são cheios de vida e de poesia, repletos de amargura e desespero.

Uns são sonhos á deslisarem-se puros e serenos, como as aguas de serpejante arroio, outros são vagas no mar de cruciantes maguas á se quebrarem de encontro ás fibras do coração; uns são effluvios de esperança; outros são a lucta entre o amor e a realidade, entre o desalento e a morte!

E eu vivo de sonhos, e o peito á intumescer-se sente o estremecer de um palpitar — é o amor, somente o amor á ferver na mente lavas ardentes da sagrada poesia: eu sou todo fogo de inspirações.

Eu amo e muito!

Contemplar a mulher a quem se ama, ouvir roçar de

leve suas macias e delicadas mãos sobre o teclado do piano, á vibrarem mellifluas harmonias de uma musica suave e plangente á despertar o sentimento no coração; tremer de medo á murmurar seu nome, sonhar com ella, vendo-a entre nuvens côr de rosa, e accordar do sonho entre a esperança e a realidade: eis a verdadeira poesia, eis a poesia a transpirar os perfumes da ventura!

E quem não ama a mulher? Ninguém, ninguém por certo. Ella é a maravilha do Creador, é como a rosa á res-cender inebriantes olôres no jardim de nossa vida: ante a sua imagem rendem-se corações empedernidos.

Eu amo-a tanto!

A imagem dos meus pensamentos é uma mulher—vir-gem bella como a flôr a derramar, em vasos de alabas-tro, perfume e fragancia; é magestosa no porte; poetica e melancolica como a amante do infeliz Gonzaga.

Niveos são-lhe os seios, mimosa a bocca, alabastrino o collo, expressivo e de magica attração o rosto, labios tão rubros como a romã, languidos os olhares que prendem corações duros e empredados: é um typo de rara formo-sura, no mundo não tem rival; não é só uma mulher, é mais do que isso: é um anjo que baixou dos céos á terra para infiltrar em nossos corações o sentimento do amor.

Maria é o seu nome.

Oh! quanto é doce esse termo, que de poesia n'elle se encerra!

A brisa que cicia por entre as folhas de copados jambeiros murmura-me aos ouvidos—o seu no ne!

A tempestade que fremente no mar, a vaga que se quebra na praia, a onda que geme e depois morre, me repetem constantemente—Maria!

Dormindo ou acordado, triste ou alegre, sombrio ou melancólico, eu sinto o coração palpar seu nome.

Maria, sempre Maria, é o meu pensamento.

E eu serei por ella correspondido!

A borboleta a brincar-lhe nas tranças de azeviche, o doce favonio a bafejar-lhe as roseas faces; os suspiros, que resfolegam o coração, se desprendem de seus labios nacarados; as scismas douradas de um futuro esplendoroso a perpassarem-lhe no seu presente de moça; as petalas do seu sorriso de virgem; as flôres que respiram do perfume do seu cabello avelludado e se alimentam do ar de seus doces suspiros, o seu roupão de frouxa seda a lhe cobrir as fôrmas seductoras, quando em seu casto leito adormece entre sonhos de esperança; tudo isto que venha a revelar-me o seu segredo, narrar-me a verdade do sentimento d'ella, dizer-me se ella sonha commigo, se me consagra amor santo e puro!

E será possível o meu pedido? Ah! que se fosse, então eu poderia morrer de prazer.

Morrer amando, exhalar do peito um suspiro, um si e adormecer sonhando no amor!

Amor! Cadeia que prende dois corações que batem, que palpitam, que estremecem convulsivamente uma mesma nota — iguaes gemidos!

Amplexo que une duas almas em uma só, harmonia siderosa derramada pelos recantos do infinito, a brisa que cicia, a flor que viceja, a musica que vibra melódicas e sentidos tremulos, a natureza e a vida.

Entre a esperança no amor e a realidade da existencia, eu volo as noutes em um continuo sonhar!

Esta me foge dos olhos, é minha inimiga; aquella me fortalece os sonhos de ventura.

II

Na primavera dos annos, no desbrochar das flores louças da juventude, o coração se enlaça nos élos de uma cadeia, a que damos o nome de amor, ora branda o flexível como o vime, ora pesada e riça como a tempestade na vida em marés de pranto.

Assim é a minha existencia no presente, assim eu vivo pensando no futuro entre scismas dubias e encantadoras, entre a illusão dos sonhos e o almejado raiar da realidade.

E a luz da meiga crença, eu caminho como o proscripto a vagar errante por ignotas sendas, em busca da felicidade, que é a paz do coração e a tranquillidade da alma, vergada ao peso de tristes pensamentos.

Realidade no viver, realidade no amor: eis a minha ventura na terra, eis a verdadeira felicidade neste pelago de magoar accerrimo, a que chamamos—mundo.

E porque a realidade não me quer conceder instantes de prazer, que valerão para mim um infinito de gosos?

Ai de mim! O que me faz revelar o segredo, que ha muito escondia o coração, patentear a emoção ardente do sentimento, que minha alma experimenta, dizer à mulher divina que ha um véo negro em que se encerram os prazeres que ambiciono na terra, é a crença no porvir, é a esperança entre duvidas de amor, é a esperança entre sonhos da ventura almejada!

E sabes que véo é este que intento rasgar-o?

É a realidade com todos os seus encantos, com todos os seus attractivos; mas ella me nega a sua vida: é minha inimiga.

E porque?

Escuta!—sou pobre e poeta nas emoções do sentimento!

Silêncio, musa, não devasses o santuário das affeições do bardo.

Não prosigas na narração, mancebo, suffoca o gemido que exhala teu pobre coração!

III

Eu sou todo ciências, sou todo fé: amo e espero ser amado.

Si para existir o amor, será necessario a riqueza pecuniaria ao homem; aquelle deixará de ser sentimento e tornar-se-ha conveniencia: não será poesia, não será gozo.

Na verdade, assim o pensa a sociedade, que tem preconceitos, que o poeta, essa imaginação de fogo e de vôos arrebatados, o interprete do sentimento natural, o rei da natureza, enfim, contempla-os com repugnancia e vota ao esquecimento essas misérias da existencia humana.

O mundo é sempre mundo!

A riqueza monetaria e a ignorancia applaudem freneticamente a vaidade e a soberba: o orgulho serve-lhes de

throno na terra ! E o que é o orgulho ?

Palavra fôfa e vã de significação ! Propriedade da humanidade ignorante que não comprehende que somos iguaes perante Deus, que somos feitos de barro e que nelle nos havemos de tornar !

Que o pobre não pode amar, porque não tem coração, é o que se ouve murmurar aqui, alem, mais longe pelos homens protegidos da fortuna ou do acaso.

Para mim esses são miseraveis; não sabem o que dizem.

Amo — sou pobre, mas a minh'alma se aquece nas chammaes de um puro amor !

Sensivel é o meu coração, que importa o mais ?

Mas, ah ! a realidade não me quer conceder instantes de ventura, que valerão para mim um infinito de gosos !

De ti depende, mulher, a minha felicidade — dà-me teu coração; pois que já te offereci o meu amor !

É um amor de poeta com todo o fogo da inspiração, com todos os seus encantos, com todo o sentimento.

Voeemos á um mundo, para esses desconhecido; voe-

mos nas azas da poesia !

Attende á meus rogos, anjo formoso, pomba mimosa,
que adejas as tuas candidas azas para o céu; dá-me dos
teus lábios nacarados um sorriso que me exprima ven-
tura.

Oh ! então eu serei Tasso, tu a Leonor, eu Romeu e tu
a Julieta !

Amemo-nos, pois.

Sejamos amantes na vida e na morte !

Adeus, adeus !

AO GLORIOSO DIA 7 DE SETEMBRO

RECITADO PELA ACTRIZ EUDOXIA

Quem pôde reprimir dentro do peito
As doces emoções do sentimento,
Quzndo noss'alma de prazer repleta,
Desperta á mente deste dia o nome,
O sol da liberdade brasileira,
Heroica data de immortal memoria?
Quem deixa de expandir neste momento
Efluvios de um amor entusiasta?
Quem deixará d'erguer aos astros hymnos,
Repassados de vidas e de perfumes,
Ao recordar o feito grandioso,
Que quebrou as cadêns oppressôras
De eniqua escravidão, do despotismo,
Em que jazia a patria dos Andradas
Soffrendo tratos mil, banhada em prantos?
Ninguém!—cicia a brisa que perpassa
Nos verdes prados do brasileiro sólo!
Ninguém!—retumba o echo nas montanhas,
Nas quebradas dos valles gigantescos,

Derramadas allí, além, mais longe
No seio da natura esplenderosa
Da America do Sul—soberbo Imperio!
Ninguém, ninguém, de certo—o brasileiro
Sente o peito accender-se em vivas chammas
De amor profundo, consagrado á patria!
Canta hosannas á gloria, e rende preitos
À meiga liberdade—ameno termo
Que mitiga do escravo atro queixume,
Que lhe anima o viver, lhe embala a alma
No dourado sonhar de uma esperanza!
Liberdade!—palavra que transmittê
Aos povos opprimidos santo balsamo,
Que pensa as chagas de pungente dôres,
Teu brado resôou altivo e forte
Nos angulos deste colossal Imperio.
E os filhos do Brazil tornam-se livres
Dos pesados grilhões do captiveiro,
Neste dia em que a paz reinou serena,
Tranquilla adormeceu no patrio seio.
Oh! SETE DE SETEMBRO memoravel
Aurora fulgurante, grande data
A historia te gravou com letras d'ouro!
Independencia ou morte—ouve se o brado
Do grande Imperador, do grande Pedro,

Lá nas margens saudosas do Ipiranga,
E o eco á reboar percorre os valles
Do florescente Imperio do Cruzeiro!
E aos quatro ventos se desfalda ufano
O brilhante estandarte da victoria!
Livre tornou-se a patria brasileira!
E o pranto se extinguiu, fulgura a crença
Dá vida ao coração americano.
O progresso raiou, seguiu avante
Iluminou a senda das conquistas,
E marchetou de flôres odoríferas
Os verdes prados do meu patrio solo!

Excelso Imperador, monarcha excelso,
Escudo forte, fonte de sciencias,
Anima a crença, fortalece a vida,
Nas lutas incruentas do trabalho,
Do povo americano, que sedento
De nobre aspiração, ama o progresso,
É devotado athleta do futuro,
Da brasileira nação, a patria sua!

Salve, tres vezes salve, grande data
Gloria do meu Brazil, fulgente aurora!

À MINHA QUERIDA SOBRINHA

CLOTHILDE AUGUSTA DA COSTA

NO DIA DOS SEUS ANOS, 27 DE MAIO DE 1882

Mais uma flôr tu colheste
No jardim da adolescencia,
A sorver gottas de orvalho,
Repasadas de innocencia.

Doze annos! leda quadra
Da mais candida pureza,
Idade dos meigos risos,
Que desconhece a tristeza!

Ês feliz, tens a ventura
No seio dos teus, menina...
Embalada em doce crença
De uma afflicção peregrina!

Da familia és a delicia,
No lar a viva alegria;
Todos te amam, te adoram
Oh! anjo da sympathia!

No dia, pois, dos teus annos
Nada tenho que offertar-te!
Versos toscos, mal rimados
Eu posso sómente dar-te

Que esperar, minha sobrinha,
Do inditoso e pobre tio?
Si luta com o vil destino,
Que desde a infancia o ferio?

Sirva ao menos de lembrança
Do mimo o pouco valôr,
Que traduz pura amizade,
O sentimento do amor.

Oxalá sempre conserves
No presente e no futuro
—Os dotes que ora se abrigam
No teu peito insonte, puro.

Que a pretensa vaidade
Não deslustre o brilho d'alma;
Que alegre gozes a vida,
Sem cuidado, em paz, em calma!

Folga, ri, canta Clothilde
O hymno da adolescencia;
Na ridente primavera
Sómente impera a innocencia!



A' MIMI

Rasga meu peito, e lá verás no fundo
Dôres pungentes, infernal soffrer;
Rasga meu peito divinal menina,
Archânjo bello me farás viver.

Abre teus olhos, me reveste a mente
De gallas puras, de gentil prazer;
Abre teus olhos, que a paixão me inflamma,
Abre teus olhos, poderei viver.

Rasga meu peito; sinto fogo intenso,
Rasga minh'alma, meu amor padece,
Eu quero as horas destruir que soffro
As horas tristes que a desgraça tece.

QUEIXUME

Felizromeiro a divagar no mundo
Pel'go fundo de martyrio e dôr,
Eu choro as noutes do viver risonho,
Lamento o sonho do passado amor!

Minh'alma geme, me palpita o peito
Cruel effeito de cruel rigor...
Fria descrença me varreo da mente
Scisma innocente do meu puro amor.

Negra saudade a maltratar-me a vida,
Triste, abatida neste mar de dôres
Punge minh'alma, me desperta á mente
Quadra ridente de fragrantes flôres.

É meu presente soffrimento e magoa.
É dor, é fragoa meu viver presente
Dai-me um sorriso dos teus labios, bella,
Meiga donzela—viverei contente.

À JOAQUIM AUGUSTO

RECITADO PELA ACTRIZ CAROLINA RIBAS

Si é dado cantar teu nome egregio,
Genio do palco, artista brasileiro,
Consente que uma voz pallida e franca,
Prorompida de peito entusiasta
Exprima as emoções do vivo affecto.
Filhas do coração, d'almas partidas
Que, em palpito febril, em meigo arroubo
Contempla em ti a encarnação da arte!
Si é dado saudar, erguer bem alto
Do merito real, valor, grandeza,
Do talento sublime a força, o brilho,
Escuta as ovações de um povo illustre,
Que te acclama rival dos grandes mestres,
Artista creador, gloria brasileira
Do brasileiro theatro—fulgurante!
Eu tambem te saúdo e rendo cultos
Ao saber que engrandece, immortalisa
Teu nome, oh! genio, a conquistar triumphos
Nesta noite em que a festa te pertence,



Para ti preparei singelo mimo,
Modesta offrenda que traduz lembrança
Da novel companheira que, a teu lado,
Aqui sempre viveu, colhendo os louros
Que te irradião a fronte magestosa,
Contigo trabalhou, ouvindo attenta
Tuas sabias lições e sãos conselhos:
Eil-a, pois, é somenos, mas revela
A grandeza de um peito agradecido,
Eu t'a envio e recebe exímio artista,
Da joven actiz o fraternal amplexo,
Que amizade traduz, affecto exprime!



AO SETE DE SETEMBRO

Immersa em pranto de pungentes dôres
A filha de Cabral escravizada
Longos annos gemeu resignada
Da cruel tyrannia atroz rigores.

Mas...eis que assoma prenhe de fulgores
Em pleno cêo azul da patria amada
A aurora prasenteira e bem fadada,
Trazendo a liberdade envolta em fiores.

Nas margens do Ipiranga um brado forte
Prorompido de peito sobranceiro
Dita leis ao Brazil, firmando a sorte.

Então desperta o povo brasileiro
Bem diz o grito—a Independencia ou Morte
Saudando o Imperador Pedro Primeiro

SAUDAÇÃO

À ACTRIZ VIRGINIA

Salve, Virginia, salve! actriz formosa!
No palco brilhas na expressão de amores!
Mereces rosas, perfumosas flores.
Só colhidas por mim... Oh! portentosa!

Arrebatas meu estro e lacrymosa
A lyra geme ao ver-te de fulgores
Cobrir a scena de pesar, de dôres,
Grande Genio! estrella luminosa!

Avante! não tropéces na carreira
A que te dedicaste, firma o passo;
Terás a palma jovial, fagueira!

A gloria ouve-se além, si for escasso
O teu esforço, oh! genio, sê ligeira!
A apanha-lá, Virginia, move o passo!

QUEIXUMES

Meu peito sentiu baço estremecido
No começo da vida e dos amores
A paixão definhou-me pouco e pouco...
Morri... chorei... vivi... murchou-me as flores.

Pobre de mim! amargurado bardo!
Na terra vivo eu tão exilado...
Si peço a virgem lenitivo ás dores...
O echo me responde: és despresado!

Sou pobre...tenho alma e de poeta..
Na lyra canto mutilados threnos!
Ai de mim! ai de mim! quanto foi bella
A infancia em que gozei dias serenos!

Sou pobre...sou mendigo dos amores..
Myrrhado sonho me devora a mente!
Contado de quem vive sem esperança
De gozar neste mundo amor somente!

Baldado é meu desejo: tem orgulho
Esse archanjo, meu Deus, que soffrementol
É vida—sonho, é flor que o vento arroja
No abysmo fatal do esquecimento.

Sou ente desprezado, ouro não tenho!
Me ádorna o coração santa virtude...
Meu estro aviva a dôr que roe meu peito
Rebenta uma por uma as cordas rude!

Queixume é minha vida, é meus amores,
Queixume é minha fada, anjo fagueiro!
Por ella dou meus dias—meu futuro—
Meu constante sonhar tão feiticeiro!

DESCRENÇA

AO MEU AMIGO F. P. DA C. ALBUQUERQUE

No imenso pégo
Mais uma gota d'amargor que importa?
Que importa o fel na taça do absynthio,
Ou uma dor de mais onde outras reinão?
(Gonçalves Dias)

Inda sou joven! reneguei da vida!
Amei e meu amor foi só loucura...
Era um anjo, rubor tinha nas faces,
Era typo gentil de formosura.

A fera parca lhe cortou seus dias...
E inda vivo no mundo...e soffro e choro!
Sou bardo sem ventura e desditoso...
Minh'alma é pranto...compaixão imploro!

Morreu tão cedo, na manhã da vida,
N'alma deixou-me resentido ardor...
Nasci gemendo...tive amor outr'ora.
No presente só magoa e dissabor!

O presente que édôr murchou-me os lyrios
Da grinalda gentil dos meos amores!
Colhi amenas rãs no passado...
No futuro? quem sabe? espinhos e dores.

Tão criança! que fogo lento, vivo
Me queima o peito já desfallecido
De saudades que esse anjo me deixara
Neste chão de amarguras — fementido!

Breve se evaporou meo lindo sonho
Ao correr desta vida enfastiada
Nem uma flor me resta do passado
Myrrada do album seu tão decantada.

A VIRGEM PALLIDA

Tu és a crença dos meus ledos sonhos,
A imagem seductora de minh'alma,

Anjo, fada—visão...

Em ti eu divisei santa esperança,
Porti eu morrerei—embora sofra

Cruel ingratidão...

Quem contempla teu porte magestoso,
Sente n'alma suspiros que murmurão—

E's a flor em candura!

E o bardo que soluça e vibra as cordas
Da moribunda lyra canta e canta

A tua formosura!

Teus olhos a brilhar encantam, matam
E ferem o coração do malfadado,

Que palpita de amor...

Um suspiro siquer minh'alma solta,
E lamento, meu Deus, intensas as magoas

Da tormentos a dôr!

Que morna languidez te banha as faces,
Que perfumes rescendem as tuas tranças,
Que collo alabastrino!
Meu peito se intumece—a lyra chora,
Vibra threnos—soluça moribunda
A dôr do meu destino

Sim! e eu sinto a dôr ralar minh'alma,
A mente escandecer—rasgar-me o peito
Palpitante de amor...
E vivo de esperanças—nutro a crença
De um dia dominar teus olhos bellos,
Calcar teu rigôr!

Eu tenho coração—sinto os embates
Da tua ingratidão—pallida imagem—
Seductora mulher—
Dos teus olhos o fogo a morte espalha.
Não posso resistir—abrandar—acalma
Um momento sequer...

Eu te amo—murmura o labio frio,
Resequido da febre que maltrata
Meu pobre coração...
E soffro o teu rigor—cloro a saudade
Do passado que foi d'almas venturas,
De prazer, illusão!



Rainha das rainhas—soberana
Entre as virgens que prendem, que seduzem
Na voz do seu cantar,
Si sorris—tu zombas do poeta,
Que deo-te o coração—que por ti vive
No mundo a prantear!

Zomba do meu amor,—mas não desprezes
As flores que colhi, no meu passado,
Do jardim da ventura...
Une-as ao teu peito—roça o labio—
Imprime na folhagem resequida,
Um beijo de ternura!



TRAVESSA

Na poetica Desterro, onde as lufadas subtis dos zephiros vespertinos beijão as flores, passando, e os anjos da terra, symbolos da belleza e da candura captivão corações que sabem sentir e amar, habita uma menina, bella, formosa como Venus, formada das espumas do mar.

Seu nome é segredo, e a casa em que reside, situada em uma rua, cuja direcção deita para a parte septentrional, é muito conhecida por mim e por todos os moços conquistadores.

Dir-se-hia uma fada dos contos antigos, gravada na memoria dos poetas, si o brilho da sua formosura, real e resplandecente, e as chispas scintillantes dos seus olhos, como duas continhas pretas, não calassem nas almas dos trovadores modernos.

Tem apenas quinze primaveras.

Sua existencia lhe corre placida e serena, em plenogoso, entre sonhos cõr de rosa neste «mare magnum», a que chamamos mundo.

Cuida nas flôres, companheiras gentis dos seus folguedos de moça.

Para ella tudo é festa e risos no presente.

Ainda as settas de Cupido não tentarão ferir o seu coração juvenil.

Desconhece as lutas da contrariedade, os impetos da paixão, os arrufos do ciúme e os zelos do amor.

Filha predilecta de seu querido papá, que lhe adora em extremo, que lhe faz todas as vontades e submette-se a todos os seus caprichos de criança bonita, ella é a delicia da familia, é a ventura no lar domestico.

E como não ser assim, si a menina é a alegria da casa, a flor mimososa dos vizinhos, si a todos dirige sorrisos de amabilidade, palavras meigas, partidas do coração, toda bondade?

Travessa, inquieta, e, ás vezes, tomadada decerta «nonchalance», com o seu roupão de alva e finíssima cambraia, soltas as longas madeixas do cabello negro sobre as nivas espaldas, correndo atraz das borboletas azues, que errão em torno do seu jardim alcatifado de viçosas e odoríferas flores, ella é mais que seductora e linda, encanta e prende aquelles que têm alma de poeta e rendem sinceros cultos á mulher, maravilha da criação, obra prima de prima perfeição, sahida das mãos de Deus.

Anjo na terra, predestinado pelo céu a dispensar graças aos habitantes desta pequena porção da terra brasileira, a caudada menina é a sympathia que attrahe, como o imã, a mocidade que vive de sonhos de amor, embalada na rede perfumosa das phantasias.

Seu olhar é matador, seu sorriso feitiçeiro.

Algumas vezes ella se senta ao piano e vibrando nas teclas do mavioso instrumento mellifluas harmonias de musica suave e sentimental que arrebatam os espiritos, e povoa o coração de emoções desconhecidas, su'alma como que voa para a celeste morada, onde os anjos circumdão de luz o throno de Deus.



Tem a poesia natural, è a inspiração em ondas de perfumes affagando o talento já cansado, de vate experimentado nos embates incruentos das paixões humanas.

Outras vezes, qual rosa em botão a rescender inebriantes olores no jardim da sociedade desterrêense, apparece, em noutes de partida no Club 12 de Agosto, e alli a travessa, de fronte altiva e andar magestoso, os salões, cercada de adoradores, que lhe dispensão os affectos d'alma, levados nas azas da palavra singela e terna, impregnada dos perfumes da poesia, e não duvidarião beijar, se possível fosse, a cauda do seu vestido, em troca de um sorriso, de um olhar, de um gesto que lhes revelasse o preludio de uma conquista amorosa.

Mas, indifferente a esse turbilhão de phrases arredondadas, que faz ás mais das vezes estremecer um coração, inda novel nas lides amorosas, e que apenas exprime banalidades, ella não comprehende ou não quer comprehendel-as, tornando-se assim, mais e mais, querida e apreciada de todos os cavalheiros que a distinguem, e, por consequencia, fóra de combate, conversa, sorri, folga, dança, sempre contente, com o espirito em calma e o coração sem palpites, nem vertigens, entre o amor e o ciúme, entre os arrufos das amigas e os enfados dos conquistadores.

Na verdade, tão joven ainda, seria infelicidade si se deixasse levar pelas seducções de uma phrase estudada, adrede



preparada por presumidos galanteadores, pelos galanteios de ephemera duração, apenas concluido o baile.

É cedo, muito cedo para o seu coração abrir luta com o amor.

Na quadra presente ha a innocencia dos risos, o desabrochar das illusões, vive-se de sonhos meigos e canta-se hymnos á primavera, estação em que as manhãs são serenas e bellas, e as flores, acariciadas pelo orvalho, tomão alento, força e vida.

É o amor tem seus espiúhos, uma vez ferido por elles o coração da gentil menina, o aborrecimento, o tédio, o desgosto com todo o seu cortejo de contrariedades serão os seus únicos companheiros na malfadada existencia.

Para que taldar as nuvens limpidas do céu azul das lédiceas da mimosa desterrense?

Não é não, deixemol-a gozar as venturas na quadra risinho dos quinze annos.

Que importa que no quebrado de seus olhos haja a languidez que fascina, nos labios nacarados o sorriso que enfeitiça, provocando beijos de amor, e na face mimosa a sympathia que deslumbra, subjuga e prosterna corações que comprehendem o que é sentir e viver?

Que importa?

Nos bailes, no theatro, nas retretas á noute, nos passeios a rua do Príncipe, na loja — «A la ville de Rio», por toda a parte, em-

fim, apparece essa joven seductora matando de amores os mancebos de vinte annos, apaixonando os velhos e causando muitos enfados ás solteironas, que já forão como ella, flôr mimosa a rescender perfumes no jardim da mocidade.

Meu Deus, tão galante, tão affavel, tão meiga ella se torna, quando me diz que será sempre insensivel ás emoções desse sentimento, em cujos élos prende-se corações que só vivem sofrendo, penando, martyrisados de dôres, relados de ciúme.

—Nem o tempo, nem a gloria dos conquistadores, nem a riqueza dos potentados poderão abalar-me o espirito prevenido, minha resolução é inabalavel.—

Parece que devia habitar em um outro mundo, novo sempre, onde os risos da mocidade tivessem primavera eterna.

Seu nome deixaria de ser segredo; e o doce favonio que lhe perpassa o collo alabastrino e lhe beija os labios rubros, tão rubros como a romã, não levaria nas azas subtis o perfume que vivifica as flôres.

As amigas não lhe tributarião a mais affectuosa amisade.

Os mancebos não se apaixonarião por ella.

O anjo deixaria de ser a menina —travessa.



NENIA

PELA SENTIDA MORTE DE MERCÊS DA GLORIA IZETTI

OFFERECIDA A SEUS EXTREMOSOS PAES

É negra a cerração que envolve o espaço,
É tão fundo o gemer da natureza,
 Ante o espectro da dôr !
E a brisa que cicia entre amarguras
Perpassa as flores murmurando triste
 Um cantico de amor !

Reina o silencio e o vento que balouça
Negro cypreste, da tristeza symbolo,
 Pregoeiro da morte...
Rola-lhes as folhas pelo chão mirradas
E contempla sentido e pesaroso
 Os destinos da sorte.



Mais um lyrio gentil no sol crestado,
Mais um anjo da terra desprendido,
Flor aberta em botão !
Tão cedo ainda ! as illusões finaram
Um futuro de magicas venturas,
De gosos no embryão...

Cedo, bem cedo o sonho evaporou-se
Em que su'alma despertando vira
Um céu de flicidade...
E a vida lhe sorria encantadora,
Tanto brilho em seus olhos scintillantes...
Na doce mocidade !

E a vida á lhe sorrir serena e placida
Nos perfumes da brisa que embalára
Entre sonhos de fler !
Della se desprendeo, gemendo triste,
Exhalando suspiros de amargura
Nos anceios da dôr !

E morreu—murmura a brisa que perpassa
Nas negras folhas de feral cypreste,
De fuereo chorão...
Alem ouve-se um grito agonisante,
Aqui se chora, ali alguém se extorce
Nas vascas da paixão !

Materno coração, alma paterna
Vosso pranto é tão justo em que se encerra
De amor o sentimento...
Chorai, chorai—na lagrima pungente
Allivio encontrareis, consolo sempre
No grande soffrimento !

Era um anjo, Mercês, desceo á terra
E tão cedo volveo aos patrios lares,
À celeste mansão.
Por ti um coração rala saudades,
Um peito jovem a estremecer sentido
Nos seios da paixão !



Silencio, trovador, não mais modules,
Na pobre lyra da tristeza o canto
Da dôr o sentimento...
Mercês descança á sombra das venturas
E repousa no céu pensando as chagas
De iniquo soffrimento.

Que durma, pois, o somno da innocencia;
Entre perfumes que no céu rescendem
Nos seios do Senhor!...
Adeus, pomba do céu; crença perdida
De um futuro de rosas marchetado,
Adeus mimosa flôr!



SONETO

Meus suspiros de amor e de ternura,
Minha fada gentil, bella deidade,
Me arrojaste sem dó, sem piedade
Neste abysmo de dôr e de amargura.

Minh'alma inda na flôr da desventura,
Sorveu amargo fel—que crueldade!
Trocaste tão cruel por a maldade
Meu socego e prazer d'alma ventura.

Um canto te offertei, rara belleza
Como prova de amor, sinceridade
De tanto padecer...quanta firmeza!

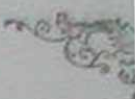
Cessem dôres crueis! Traz-me saudade,
Lembranças da morêna, da Thereza...
Bello tempo da minha mocidade.

À MINHA IRMÃ

Não ouves, minha irmã, bater no peito
Sedento o coração de tanta vida
N'um suspiro de amor?
É fogo intenso que me queima o peito...
No sol abraçador da mocidade
Crestou-se a minha flôr.

Amei uma mulher formôsa e bella,
Como os anjos do céu, como os archanjos
Do ameno paraizo...
As cadeias da vida se quebraram
N'um suspiro desfez-se a sua vida;
Deu ao mundo um sorriso.

No mundo vivo á soluçar chorando
Minha perda de amor tão valiosa...
Coitado do cantôr!
P'ra que serve o amor?—dar-nos angustias,
Na su'alma soffre magoas continuo,
Embate de tanta dôr!



Não ames, cara irmã, despreza as pompas
Deste mundo cruel, de fingimentos.
De tanta magoa e dôr!
Sobranceira sê tu aos seus caprichos...
Não vivas d'illuzões—ama a verdade.
Não creias no amor!



DELYRIO E SONHO

Em doces scismas eu te vi, oh fada,
Envolta em nuvens eu te vi—amor!
Meu Deus, que sonho! que fatal momento!
Que intensa vida, que febril ardor!

Em sonhos vi-te, seductora imagem
Contar meus threnos de pesar e dôr!
Depois na sala com praser walsando
Sem te importares do sentido amor!

E vi-te bella...não te lembras virgem?
Minh'alma logo se abraçou de amor!
E vi-te...e vi-te...que aflicção no peito!
Que fogo n'alma, que tristeza e dor!

Meu Deus, que sorte! que scisma de amores
Tão cedo, jovem, no calor da vida;
Lá vão trez annos que supporto magoas,
Fervidas, fragoas d'affeição mentida?



Meu Deus, que noite! que fatal momento
Scismo na sorte, na illusão d'amore. ...
Ah! ja não posso supportar taes magoas,
E quero vida, quero paz e flores!

Triste de mim! amargurados prantos
Banhã-me a face neste chão de dores!
Ah! quão é triste no calôr da vida,
Caodida virgem, supportar—amores!

Banhão-me a face amargurado prantos,
Prantos e dôres de martyrios lentos...
Eu quero as horas me lembrar da infancia,
D'outr'ora virge'em que gosei alentos.

Banhã-me a face amargurados prantos,
Que lenta vida, que tristeza n'alma!
Eu quero as horas recordar da infancia
Bellas lembranças com praser e calma.



NÃO TE PEÇO TEU AMOR

A' B....

Não te peço teu amor,—quero um sorriso,
Que me conforte o peito palpitante—
A alma encandescente!

Quero um suspiro teu d'alma ventura,
Um volver de teus olhos scintillantes—
Minha flôr innocente!

Quero sonhar contigo—amar da brisa
O bafejo suave e perfumoso,
—Que murmura subtil
Que dá vida e vigor às lindas flôres,
Que ornão teu cabello avelludado,
Tua trança gentil.

Eu quero ver teu rosto assetinado,
Essa tez tão mimosa e delicada—
Esses labios— Maria
Eu quero amar-te só—soffrer tormentos—
Que rala o coração—que geme e sente
Effeitos d'agonia.

Que importa que o poeta desprezível
Canto na lyra mallogrados sonhos,
As illusões da vida!
Eu serei teu cantor—tu, pensamento
Das minhas affeições—minha esperança
Meu futuro—querida!

Eu quero amar-te só—sentir no peito
Refrigerio ao pesar que enluta a vida
Neste mar de afflicção.
Quero beijar as tranças tuas ondeadas
Viver no collo teu—dormir sonhando,
Sonhando o coração!



Não peço o teu amor—não o mereço!
Embora eu soffra teu rigor—ingrata
Heide amar-te Maria
Eu sinto abrir a flor das esperanças
Dentro em meu peito perfumando a vida
Repleta de agonias

Eu quero amar-te sô—quero um sorriso
Dos teus labios, imagem seductora,
Dos teus labios de flôr...
Quero um suspiro teu—sonhar contigo
Beijar teus olhos, lindos, scintillantes—
Não peço o teu amor.



RECITATIVO

Mulher formosa, divinal, encanto,
Attende as queixas do cantor que chora,
Que geme, sente da saúde as dores,
Lembrando os sonhos do viver de outr'ora.

Eu passo a vida recordando as tardes,
Formosas tardes que vivi de amor...
Choro o passado de ventura amena,
Meu estro geme de saúde e dôr!

Maldita sorte... Que afflictivas magoas,
Que dôr no peito moribundo, langue.
Perdi a crença enfraquecida esp'rança
Murchou tão breve... falleceu exangue.

Vibrei na lyra venturosas coplas
Tão repassadas de ditoso amor...
Um teu sorriso cativou minh'alma,
Prenden-me á vica, seductora flôr!

Pobre mancebo! rebentei as cordas,
Da triste lyra que cantou-te um dia.
Teus olhos pretos, rubicundas faces,
Teu todo bello, divinal Maria!

Pobre mancebo! me palpita o peito
Gemendo dôres de um sentido amor...
Fundo suspiro de cruel saúdade
Minh'alma exhala, magestade, flor!

Mas, ah! tão cedo tu volveste os olhos,
Teus olhos lindos de gentil fulgôr;
Tu desprezaste meu viver, minh'alma,
Mulher ingrata, typo, fada, amor!...

Que importão dôres ? soffrerei calado
Tanto ciúme me ralando a vida ?
Inda te amo, magestosa virgem,
Meiga feitura, divinal,querida.

Suspiro—eu soffro—supportando vivo
Gemendo ao peso de tão negro fado...
Detesto o mundo—na memoria trago
Teu doce nome, meu gentil passado !

SOU LOUCO

Fui um louco em sonhar tantos amores
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!
(Alvares de Azevedo)

Sou louco porque amo...ardente fogo
Se aquece no meu peito palpitante!
Suspiro noute e dia...Em doces scismas
Vejo a fronte gentil da minha amante!

Que tristes sonhos tenho...Essa morena,
Piedade não tem das minhas dores!
Pobre de mim! murmuro inda seu nome...
Mas ella dá-me vida ás mortas flores...



Nada sente meus Deus! su'alma é gelo
Que se derrete ao sol de um morno dia!
Labareda de amor me queima as fibras
Neste mundo repleto de agonia!

Sou louco...mas qu'importa si minh'alma
Lhe consagra amizade fida e pura?
Não posso desprezar-a...no meu peito
Sinto abrir-se em botão alma ventura!

Será terna e feliz e confortavel
Libando o fêl amargo do passado...
Serei o teu amor, morena ingrata,
Embora vague errante e malfadado!



CONSELHO

Maria, anjo do céu—pomba mimosa,
Deixa a tristeza—tem amor à vida...
Despreza teu passado amargurado,
Supporta o pranto que te mata q'rida !

Teu presente é de flor, de rosas cheio...
Teus à teu lado, cherubim mimoso:
Amizade te vota santa e pura
Como os anjos do céu ao Deus bondoso !

Alegra-te um momento...apalpa os olhos
E vê como elles estão sem côr, sem vida...
Deixa a tristeza—tem amor à vida,
Sufoca o pranto que te mata q'rida !

À MIMI

Ariu-se para mim um ceo de amores!
Ja tenho creanças, tonho fê na vida!
No peito de uma virgem hei plantado
Meus frouxos versos, minha flô perdida

Feliz agora sou: adoro um anjo,
Typo moreno, rosiclar de amores
Tambem me adora, tenho provas muitas
São cravos bellos, perfumosas flôres!

Meu peito se calou...morreu meu pranto
Minh'alma sente refrigeria calma!
O pezar se nublou...funda tristeza
Tornou-se flôres... reviveu a palma!

Já cantei n'uma lyra infortunada
Pungentes threnos, malfadados sonhos!
Tudo e tudo passou...murmura a briza:
Meus dias serão bellos e risonhos!

Tão cedo vi morrer uma esperança
Que dava vida ao peito escandecido!
Sim! hoje nasceu... tomou alentos,
Segue meus passos com veloz sentido.

Meu estro é todo flôr... Uma scentelha
Desse fogo vivaz que atêa ardores
Já não me queima as filbras de minh'alma
Que de ventura! quanto gozo em flores!

Mudou-se a sorte! No scismar tão triste
Vi meu peito chorar angustiado!
No outono florido da existencia
Nublou-se a sombra negra do passado!

Meu presente de amor todo é venturas..
Prazer sidereo—recamadas flores!...
Esse anjo, meu Deus deu-me alimento,
Curou do peito meu pungidas dores!



Sou feliz! essa morena tão esbelta
Deu vida ao coração, fogo a esperança!
Que passado tão vil!...foge da mente
Oh! pesarosa e languida lembrança!

È tão bonita! tem rosadas faces
Olhos negrinhos, scentillantes, bellos:
Boquinha breve, centurinha curta
Longas madeixas de gentis cabellos.



PERDI O MEU AMOR

Nublou-se o céu azul das fantasias!
Evaporou-se a crença dos meus sonhos
 Ne começo da dor!...
E o pobre coração trajando luta
E a alma enlanguescida suspirando:
 Perdi o meu amor!

Sucedeu a ventura o pranto amargo!
Choro a desdita do meu fado negro,
 Gemo e sinto o tormento!
O passado se foi... morreu chorando
O presente inda vive, e tenho a vida
 Entregue ao esquecimento!...

Amei e meu amor fôï a loucura,
Que me sorria doce e esperançosa
Entre sonhos de flôr—
E mal sabia eu que essa desdita,
Tão cedo, no volver dos bellos dias
A chorasse de dôr!

A febre me devora a mente languida
A alma se escandescce —soffre dôres
De um tormento sem fim !..
Libei suave mel no meu passado,
Sorvo fêl no presente amargurado,
E porque soffro assim?

Silêncio, coração, reprime as queixas—
Não narres teu pesar—teu sofrimento
Ao fingido cantôr—
Um suspiro que exhalo do meu peito,
Exprime dôr, tormento, acerba magoa,
Tristeza e dissabor!...

Não posso supportar tanto tormento —
Quero allivio, meu Deus, desabafando,
Talvez o alcancarei
Oh! flores, brisas que me ouvis attentas
Não lamenteis a dôr da desgraçada,
Se não eu morrerei.

Um mancebo eu amei — na luz dos olhos
Reflectia o amor, ardente chamma, —
Tocou-me o coração —
A ventura sorrio — na flor dos labios
Eu vi pendente a imagem de um sorriso
Todo amor e paixão!

Amei-o elle amou-me — que ventural
Eu vivia feliz sentia a vida
Brandamente o sonhar.
O passado foi bello — foi ditoso,
O presente é fêl — vivo sorvendo,
Sorvendo a prantejar.

Esse ingrato matou-me as esperanças
De uma vida melhor — a f'licidade
 Gosado do amor —
Depis de supportar trez annos negros,
Me votou ao despreso fero e duro —
 Ingratidão e dôr!!!

Que importa! soffrerei resignada
Essa dôr que me mata lentamente —
 Que fere o coração —
Eu vingada serei — tenho esperança!
Então minh'alma sentirá conforto —
 Cessará a paixão.

II

Amei e o peito meu escandecido
Gemeu a triste dôr de uma saúde;
 E suspiro ventura...
Amei e a minh'alma soffredora
O tormento abrandou que me ralava
 O viver de amargura!

Meu Deus! tão cedo ainda—ardente fogo
Me escalda a mente em scismas delirantes
E tenho fé na vida
Pobre de mim! chorei, vivo morrendo—
E não morri, meu Deus,—perdi as flores
Desta quadra querida!...

Tanto sonho a dourar minha existencia,
Tanta flor, tanta flôr lançando odores
No passado formoso!
E hoje a magoa, e a dôr e as agonias
Balando o coração incandescente
A suspirar ancioso!

Que me importa o desprezo desse ingrato,
Si o amo tanto, si conservo ainda
Um terço coração?
Oh! flores, brisas que me ouvis attentas.
Não lamenteis a dôr da desgraçada,
Morrerei de paixão!...

Eu não posso esquecer a vida em flores,
Que vivino passado venturoso,
Repleto de tanto amor!
Embora gema a dôr, embora eu chore,
Heide sentir—meu Deus, minh'alma triste
Ter fé no trovador!

Mas que digo? inda sinto-me sensível
A vista do desprezo desse ingrato,
Que matou-me a ventura?
Eu sou mulher—sou fragil—lhe perdo-o—
Eu tenho coração—tenho esperança
No viver de amargura.